

2004

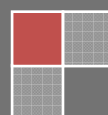
Afinidades Electivas e Caridade Interpretativa

Versão portuguesa da publicação em francês “Affinités Electives et Charité Interpretative”, *Recherches en Anthropologie au Portugal*, 10: 207-211

Miguel Vale de Almeida

MIGUELVALEDEALMEIDA.NET

2004



AFINIDADES ELECTIVAS E CARIDADE INTERPRETATIVA

Miguel Vale de Almeida

*Of course, what was in their minds, we will never be able to know. But, through a process of **interpretive charity**, I think we managed to get a fairly good notion of what might have been at stake (Pina-Cabral, *Albinos don't die*, 2002)*

*We don't get to know people when they come to us; we have to go to them so as to learn what they are like. (Goethe, *Elective Affinities*, 1809)*

Pina-Cabral afirma, na entrevista publicada neste volume, que durante os anos 90 surgiu uma nova antropologia em Portugal. Esta afirmação está directamente ligada a um optimismo que postula a antropologia como disciplina de futuro, e a um pessimismo – ou talvez cautela – que reconhece a fraqueza da disciplina nos planos do reconhecimento científico e do financiamento a nível europeu.

Há neste raciocínio algo de muito próximo de afirmações semelhantes em áreas normalmente catalogadas como das humanidades e mesmo com as áreas do campo artístico: o processo criativo próprio de formas críticas e autocríticas de entender o mundo – sobretudo se ancoradas no engajamento e trabalho tendencialmente individuais – leva ao surgimento cíclico de formas novas de ver, fazer, interpretar, analisar; estas formas dão conta do mundo de uma forma que se intui ser útil e mais próxima do real, mas é também esta característica que dificulta a institucionalização, a formação de um campo sólido, a implementação de rotinas, a criação de expectativas utilitaristas por parte dos poderes, conduzindo assim a uma espécie de entrave na aceitação e no financiamento, bem como a entraves ao aumento de escala e à criação de massa crítica. “O vosso trabalho é muito bom, leio sempre os vossos livros, mas infelizmente os vossos projectos não se encaixam nas nossas prioridades”.

Normalmente aceitamos este estado das coisas, situando a antropologia no campo das humanidades; ou aceitando certas sentenças de morte que crêem radicar a perda de poder da antropologia na perda de um suposto objecto de estudo. Na realidade, avaliações destes dois tipos são curiosamente consonantes com dois efeitos de hegemonia surgidos nas ciências, na sua relação com a sociedade e com os Estados. A primeira afirmação decorre dum juízo de valor que privilegia o utilitarismo e a tecnicidade – para não dizer o lucro – estabelecendo uma (falsa) dicotomia entre ciências tecnológicas, e ciências humanas e artes; a segunda pertence a uma (falsa)

interpretação da História que, para ser verdadeira, deveria também admitir que a Sociologia perdeu o seu objecto de estudo - se este fosse, por absurdo semelhante, situado no contexto histórico de um Comte ou de um Durkheim.

Estes efeitos de hegemonia são potenciados, em Portugal, pelo facto de a área sociológica ter, até certo ponto, interiorizado esta hegemonia, apresentando-se como saber utilitário e técnico, situação que tem um duplo e perturbador efeito: se por um lado, precisa de afastar as disciplinas-irmãs para a margem humanística, por outro nunca é ela, sociologia, aceite de pleno direito no seio da hegemonia tecnocrática e neo-liberal.

Pina-Cabral pertence a uma “geração” ou rede de antropólogos (ou, talvez mais adequadamente, a uma “afinidade electiva”) com a qual tenho o prazer de me identificar. Trata-se de um grupo difuso cujas afinidades, entre outras, podem ser assim enumeradas: a) crêem que o objecto da antropologia não morreu porque, desde logo, não pode ser confundido com os “primitivos” colonizados; b) crêem que a antropologia produz um saber comunicante com, mas diferenciável da sociologia; c) crêem que a antropologia não se reduz nem à produção norte-americana, nem à “reserva etnológica nacional”, mas é antes de natureza global e multifacetada (uma das afirmações desta postura é, talvez, o envolvimento na construção da EASA); e d) crêem numa antropologia que interiorizou um leque de experiências epistemológicas, metodológicas e políticas tão diversificadas que apetrechou a disciplina com ferramentas que lhe permitem dar conta, simultaneamente, das estruturas sociais e dos múltiplos sentidos criados pelas experiências sociais na época contemporânea.

Afirmações deste tipo só podem ser feitas depois de se considerar a validade dos juízos, de sentido contrário, que as induzem como reacção. Todos sabemos de cor e salteado a história dos novos terrenos antropológicos no período posterior às descolonizações; todos sabemos a história da auto-crítica da antropologia – do seu método, da sua escrita, da sua política; todos sabemos a história do encontro com a reflexividade antropológica. Sabemo-lo, pelo menos, ao nível internacional, quantas vezes confundido simplesmente com os contextos anglo-americanos. Mas, e no nosso contexto?

O trabalho de Pina-Cabral é, estou certo, em si mesmo como que uma narrativa desta História. Senão vejamos. Em primeiro lugar, a biografia – a estritamente pessoal e a académica, tão íntimas – que o levam de Moçambique, à África do Sul, ao Reino Unido, a Portugal, num percurso que, simplificando, começa com um dos impérios coloniais portugueses e termina, salvo seja, no pós-colonialismo dos territórios de

expansão histórica do Estado português (na expressão por ele cunhada). É um percurso crítico, feito de inesperadas marginalidades: o jovem colonial vive num ambiente marginal ao domínio luso em África, duvida do missionarismo anglicano em que foi criado, partilha ideais de independência africana; no país do apartheid estuda justamente num dos ambientes mais ferozmente anti-apartheid; em Inglaterra assiste à reformulação dos terrenos antropológicos clássicos; e em Portugal descobre o seu país de origem como um estranho. Todos estes elementos são simultaneamente a história de um contexto de relações, e a história de um percurso de *outsider inside* e *insider outside*, que constitui idealmente um antropólogo.

Em segundo lugar, as temáticas e os terrenos. Sintonizado com a abertura, crescimento e diversificação da antropologia internacional – e a característica central de Pina-Cabral poderia ser definida como “cosmopolitismo” – JPC aborda a morte, a família, o género, a sexualidade, a etnicidade, o colonialismo e o pós-colonialismo. Portugal, Macau, Moçambique, Brasil, os seus terrenos e objectos de atenção, são territórios de entozamentos, históricos e simbólicos, que remetem para a construção de um mundo comum onde é, apesar de tudo, possível pensar em conjunto – quanto mais não seja através das “compatibilidades equívocas” surgidas nos confrontos e diálogos de pessoas situadas em múltiplas margens.

Por fim, a capacidade hibridizante de Pina-Cabral. Não existem no seu percurso essas escolhas de modos e modelos rígidos, paroquiais ou sectários, tão próprias de certas formas de funcionar na academia. E no entanto o seu ecleticismo não é sinónimo – bem pelo contrário – de desatenção ou falta de profundidade, pois a profundidade não é incompatível com a extensão. Também aqui o cosmopolitismo anda de mãos dadas com os espírito do *flaneur*, do viajante, do romancista e do homem preocupado com a ética e a política. É assim que o vemos escrever e produzir, em português e inglês, publicando com espantosa regularidade; é assim que o vemos realizar trabalho de campo, em vez de se remeter à tranquilidade da cátedra; é assim que o vemos administrando, incentivando, gerindo, desde o nível da EASA ao das instituições onde vem trabalhando, passando pela criação de *think tanks* de seminários e pós-graduações, em vez de se refugiar apenas na sua pessoal produção intelectual. Estou certo que foi no decurso das discussões abertas com colegas, alunos e informantes – por vezes com naturais equívocos compatíveis, mais do que com compatibilidades equívocas... – que foi fazendo sentido adoptar a “caridade interpretativa” de Davidson, esse *movimento* ético que, não só no terreno mas sobretudo com os colegas, gera as afinidades electivas.

A solidez dos conhecimentos teóricos, dos clássicos da antropologia, das etnografias, não impede, antes estimula, o desejo pelo novo – e daí o estímulo a tantas pesquisas focando terrenos e problemáticas novas. No fundo, Pina-Cabral sabe, como ele bem diz, que “o centro é uma fantasmagoria” – uma espécie de ponto de fuga observável apenas através da constante comparação etnográfica, através de uma postura processualista, através de uma atenção à acção que decorre/acontece da/na interrelação social que constitui as pessoas, as identidades, as socialidades - e, sim, esse velho fantasma, a sociedade.

O trabalho de Pina-Cabral simboliza e sintetiza o que muitos de nós temos tentado fazer com a antropologia feita aqui: perceber a realidade portuguesa para lá de um paradigma especificamente etnológico, e perceber o mundo pós-colonial e globalizado para lá de um paradigma cripto-colonialista. É neste percurso que identifico as afinidades electivas para uma nova antropologia em Portugal: cosmopolita, hibridizante, universal, capaz de dar conta das formas múltiplas como vivemos (n)um mesmo mundo.